

Escolhas Possíveis, Significados de Valor: um Panorama das Atividades dos Catadores de Materiais Recicláveis no Brasil¹

por Beatriz Judice Magalhães, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG)

Por muitos anos e em diversos lugares do mundo, os catadores de materiais recicláveis têm realizado a coleta seletiva e, assim, atuado como protagonistas na transformação do lixo em mercadoria. No Brasil, eles vêm se organizando em associações, cooperativas e movimentos sociais desde o fim da década de 1980. Mais recentemente, eventos importantes – como a criação do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, em 2001, e a aprovação da Lei Nacional de Resíduos Sólidos, em 2010 – contribuíram para que os catadores fossem colocados em evidência para gestores de políticas públicas, para o *marketing* social de algumas empresas e para organizações não governamentais.

A atividade de coletar e vender o lixo insere-se originalmente no contexto de possibilitar a sobrevivência de pessoas que tinham pouca ou nenhuma opção de trabalho. Catar e comercializar resíduos foi então a maneira encontrada para se conseguir a sobrevivência em uma sociedade na qual as oportunidades eram imensamente desiguais e os direitos essenciais haviam sido longevamente desrespeitados. Os catadores, que, no passado, muito antes da instituição da coleta seletiva como categoria, realizavam a atividade de separação dos resíduos, foram, então, os pioneiros desse ecologismo urbano referente ao lixo.

Em um trabalho mais extenso (MAGALHÃES, 2012), percebeu-se que essa categoria, conhecida por muitos como “catadores de lixo” – nome que eles não reconhecem como o mais apropriado, preferindo ser chamados de “catadores de materiais recicláveis” – foi, por muito tempo, tratada de forma preconceituosa e estigmatizada por muitos setores da sociedade brasileira, incluindo órgãos governamentais.

Também foi possível verificar que os catadores se percebem como realizadores de atividades que promovem a limpeza, e também a preservação do meio ambiente. Assim, durante o trabalho de campo, observou-se que esse papel é assumido e reivindicado, muitas vezes de maneira a colocar esses trabalhadores em oposição a segmentos da população que não se preocupam com a coleta seletiva.

Nesse sentido, a atividade dos catadores aproxima-se muito do que Martinez-Alier (2009) denomina “o ecologismo dos pobres”. Para o autor, o conflito inevitável entre a ordem econômica dominante e o meio ambiente dá espaço para a constituição do que seria uma terceira corrente do movimento ambientalista, caracterizada, precipuamente, “não (por) uma reverência sagrada à natureza, mas, antes, (por) um interesse material pelo meio ambiente como fonte de condição para a subsistência” (MARTINEZ-ALIER, 2009, p. 34). A ética desse segmento, ainda nas palavras do autor, “nasce de uma demanda por justiça social contemporânea entre os humanos” (idem).

A análise realizada na pesquisa permite afirmar, ainda, que os catadores se encontram em uma situação bastante peculiar. Em primeiro lugar, ao mesmo tempo em que se responsabilizam pelo retorno dos produtos ao seu ciclo de vida (ou, se quisermos, pela retransformação do lixo em mercadoria), contribuindo, então, para a criação e a reprodução de um mercado no cerne do sistema econômico, são, por outro lado, excluídos e marginalizados

em relação a vários aspectos: vítimas de preconceitos pelo fato de trabalharem com o lixo, constituem parte da parcela mais pobre da população, não tendo acesso a uma série de direitos e condições que somente uma renda mais elevada propicia.

Em segundo lugar, considerando que os catadores realizam um serviço de utilidade pública, a ambiguidade de papéis conformadora da sua atividade fica ainda mais nítida. Parte de uma economia de sobrevivência para os que com ele trabalham, a reinserção do lixo no ciclo produtivo gera benefícios positivos para a natureza e para a sociedade, já que promove a economia de recursos naturais e de espaços para o armazenamento dos resíduos. Assim, ao mesmo tempo em que os catadores são marginalizados pela sociedade, também realizam a reciclagem, atividade que vem sendo incorporada ao paradigma emergente de respeito ao meio ambiente e que, assim, tem sido socialmente valorizada.

As considerações realizadas acima nos levam a formular as seguintes questões: depois da ascensão do paradigma ambiental nos últimos anos, quais serão os efeitos dessa valorização recente da reciclagem? Ela trará efeitos positivos para os catadores? Eles serão reconhecidos como protagonistas e pioneiros de uma atividade que apenas recentemente tem sido valorizada pela sociedade? Irão conseguir uma remuneração digna por seu trabalho e, conseqüentemente, sair do grupo dos mais pobres e excluídos? Será que haverá um aumento na profissionalização da profissão, acompanhada pela obtenção de maior dignidade?

Algumas ações governamentais recentes – por exemplo, tentativas de inclusão dos catadores no Plano Nacional de Resíduos Sólidos – e dos próprios catadores, que vêm se organizando em cooperativas e movimentos sociais para reivindicar seus direitos – podem constituir parte de uma resposta inicial para essas questões. No entanto, uma resposta mais definitiva ainda não foi dada, já que não se sabe se esses eventos recentes irão auxiliar na obtenção de uma nova ordem, com maior empoderamento para os catadores, ou se eles permanecerão excluídos de diversos aspectos da sociedade.

Referências:

- MAGALHÃES, Beatriz Judice. *Liminaridade e exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira*. 2012. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-92MLVK/texto_final_para_cd.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 abr. 2014.
- MARTINEZ-ALIER, Joan. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valorização*. Tradução de Maurício Waldman. São Paulo: Contexto, 2009.

Nota:

1. Baseado em Magalhães (2012).